

Acompanhamento individual e articulação de recursos em Terapia Ocupacional Social: compartilhando uma experiência^a

Individual support and resources articulation in Social Occupational Therapy:
sharing an experience

Acompañamiento individual y articulación de recursos en Terapia Ocupacional Social:
compartiendo una experiencia

*Roseli Esquerdo Lopes**

*Patrícia Leme de Oliveira Borba***

*Mayra Cappellaro****

RESUMO: Este texto apresenta e discute uma experiência de acompanhamento individual e territorial, realizada no âmbito da terapia ocupacional social. Com foco na juventude pobre urbana, tem-se buscado atender à necessidade contemporânea de desenvolvimento e ampliação de alternativas de prevenção às situações de vulnerabilidade e violência, por meio da educação e da defesa da cidadania, bem como assumindo o desafio de criação de metodologias participativas. Trata-se de uma temática complexa e para a qual há um pequeno acúmulo de referências e de material sobre as possibilidades de intervenção, direcionadas para a produção de tecnologias sociais, que se dediquem à criação de espaços de participação e ampliem a rede de sociabilidades e oportunidades daqueles jovens. Sendo assim, tem sido necessária a inventividade com relação a recursos e atividades que facilitem a aproximação, a escuta e os processos reflexivos, de modo a constituir vínculos com base em relações de confiança, fortalecidos pela responsabilidade técnica no que tange às demandas trazidas pelos jovens. Concluiu-se que o acompanhamento individual e territorial pode ser concebido como uma técnica, um conjunto de métodos e procedimentos práticos, tornando-se mais uma ferramenta na conformação da assistência à população-alvo da terapia ocupacional no campo social.

PALAVRAS-CHAVE: Terapia Ocupacional. Adolescência. Vulnerabilidade.

ABSTRACT: This text presents and discusses an experience of individual and territorial support, realized in the field of social occupational therapy. Focusing urban poor youth, we aimed to care for the contemporary necessity of development and extension of alternatives of prevention in vulnerability and violence situations, by means of the education and of the defense of citizenship, as well as facing the challenge of the creation of participative methodologies. This is a complex thematic for which there is only a small accumulation of references and material on intervention possibilities, directed to the production of social technologies dedicated to the creation of spaces of participation and to the extension of the network of sociabilities and opportunities for youngsters. Thus, ingenuousness in relation to resources and activities that facilitate the reflective approach and listening processes was necessary to constitute bonds based on confidence relations, fortified by the technical responsibility concerning the exigencies presented by young people. We conclude that individual and territorial support may be proposed like a technique, a practical set of methods and procedures, becoming an additional tool in adapting care services to the goal population of occupational therapy in the social field.

KEYWORDS: Occupational Therapy. Adolescence. Vulnerability.

RESUMEN: Este texto presenta y discute una experiencia de acompañamiento individual y territorial, realizada en el ámbito de la terapia ocupacional social. Enfocando la juventud pobre urbana, se busca atender a la necesidad contemporánea de desarrollo y ampliación de alternativas de prevención en situaciones de vulnerabilidad y violencia, por medio de la educación y de la defensa de la ciudadanía, así bien aceptando el reto de la creación de metodologías participativas. Estamos delante de una temática compleja y para la cual hay una pequeña acumulación de referencias y material sobre las posibilidades de intervención, dirigidas a la producción de tecnologías sociales dedicadas a la creación de espacios de participación y a la ampliación de la red de sociabilidades y oportunidades de esos jóvenes. Así, ha sido necesaria inventividad con relación a recursos y actividades que faciliten la aproximación, la escucha y los procesos reflexivos, de manera a constituir lazos fundamentados en relaciones de confianza, fortalecidos por la responsabilidad técnica en lo que se refiere a las exigencias presentadas por los jóvenes. Concluyese que el acompañamiento individual y territorial puede ser planteado como una técnica, un conjunto de métodos y procedimientos prácticos, tornándose más una herramienta en la conformación de la asistencia a la población-alvo de la terapia ocupacional en el campo social.

PALABRAS-LLAVE: Terapia Ocupacional. Adolescencia. Vulnerabilidad.

a. Este trabalho contou com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Todos os procedimentos da intervenção que integram este relato estiveram submetidos aos preceitos éticos necessários à sua realização.

* Doutora em Educação. Professora Associada do Departamento de Terapia Ocupacional e dos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Terapia Ocupacional da UFSCar. Coordenadora do Laboratório METUIA/UFSCar. E-mail: relopes@ufscar.br

** Mestre em Educação. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação. Professora Assistente da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

*** Terapeuta Ocupacional do Laboratório METUIA/UFSCar. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar.

Introdução

O Núcleo UFSCar do Projeto METUIA¹ instituiu o Programa de Extensão “Terapia Ocupacional no Campo Social”, partindo do pressuposto de que o campo social implica um recorte teórico-metodológico específico com relação aos instrumentos necessários para a interpretação da realidade pessoal-social e para a atuação em contextos complexos de interações e interconexões, visando à formação de alunos de graduação e de pós-graduação, como também à implementação de intervenções que discutam o papel técnico-político dos profissionais e suas contribuições no enfrentamento de problemáticas sociais contemporâneas².

Assim, integrando atividades de extensão universitária às atividades do Grupo de Pesquisa “Terapia Ocupacional e Educação no Campo Social”, temos trabalhado por meio de parcerias com projetos sociais de organizações governamentais e não governamentais com o objetivo de apreender a realidade social, realizar formação acadêmica e desenvolver pesquisas e reflexões sobre o fomento de tecnologias de cuidado no campo social, com enfoque no fortalecimento das redes sociais de suporte de grupos populacionais em situação de vulnerabilidade social. Nessa perspectiva, temos realizado experiências que se encontram no campo da infância, principalmente, da juventude brasileira, e, igualmente, da saúde pública em suas interfaces com a questão social³.

Tais projetos de intervenção possibilitam a prática extensionista da Universidade; a coleta de materiais para pesquisas que vêm sendo realizadas em diferentes níveis: iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado; e, ainda, a formação de estudantes de graduação de diferentes áreas, a saber: Pe-

dagogia, Imagem e Som, Psicologia e Terapia Ocupacional².

Nosso intuito tem sido fomentar estratégias para operar na criação e/ou no fortalecimento das redes sociais de suporte para pessoas em processo de ruptura das redes sociais de suporte, com vistas à sua maior autonomia e inserção social, utilizando essas experiências para aglutinar materiais que se traduzam em produção de conhecimento sobre essa realidade e em parâmetros acerca das possibilidades de intervenção, bem como na formação de quadros de recursos humanos com base em uma atuação direcionada para a dimensão territorial, para o desenvolvimento da convivência, para a superação da abordagem calcada na dimensão clínica/individual, porém respeitando as singularidades dos sujeitos, tendo como pressupostos os princípios decorrentes da busca do exercício radical da democracia e dos direitos decorrentes da cidadania².

Como parte dessas ações, este trabalho apresenta e discute uma experiência desenvolvida no interior de uma das atividades do referido Programa, o Projeto Articulação com Jovens no Território do Jardim Gonzaga, que desde 2008 integra a disciplina do curso de graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar, Prática Supervisionada em Terapia Ocupacional – Campo Social. As intervenções se deram a partir de um Centro de Referência de Assistência Social, de um Centro da Juventude e de uma Escola Pública da rede estadual de ensino, localizados em um bairro periférico do município de São Carlos-SP.

Temos focalizado a juventude pobre urbana⁴, buscando atender à necessidade contemporânea de desenvolvimento e ampliação de alternativas de prevenção às situações de vulnerabilidade e violência, por meio da educação e da defesa da cidadania, assumindo o desafio

de criação de metodologias participativas. Trata-se de uma temática complexa e para a qual há um pequeno acúmulo de referências e de material sobre as possibilidades de intervenção, direcionadas para a produção de tecnologias sociais, que se dediquem à criação de espaços de participação democrática e ampliem a rede de sociabilidades e oportunidades daqueles jovens, na direção de envolvê-los concretamente em uma atenção personalizada que tenha como parâmetro a possibilidade de construção de perspectivas de futuro a partir da autonomia do sujeito envolvido⁵.

Sendo assim, tem sido necessária a inventividade com relação a recursos e atividades que facilitem a aproximação, a escuta e os processos reflexivos, de modo a constituir vínculos com base em relações de confiança, fortalecidos pela responsabilidade técnica no que tange às demandas trazidas pelos jovens. Conforme Barros, et al¹, a presença constante, a brincadeira e as atividades criativas são instrumentos importantes que permitem a transformação de relações e de espaços indiferenciados em possibilidades de acolhimento e de vida.

Essa experiência parte da vinculação com um adolescente que integrava a Oficina de Atividades que realizávamos no interior da escola pública anteriormente referida⁶. Naquele momento, em particular, a proposta da Oficina tinha a duração de uma aula (50 minutos), realizada semanalmente; era um espaço aberto aos jovens que se interessavam, mas também foram recebidas indicações dos professores e dos gestores da escola com relação àqueles que apresentavam dificuldades escolares e/ou questões referentes ao comportamento. A participação do estudante era negociada com o seu professor pela equipe, pois, como já dito, as ações ocorriam de maneira concomitante às aulas.

Além disso, eram feitas intervenções semanais temáticas na hora do intervalo, com duração de 15 minutos. As atividades ali propostas contemplavam temas elencados pelos próprios jovens e versavam sobre as questões, por exemplo, do comércio e uso de substâncias ilícitas, da sexualidade, do trabalho e da falta dele, da violência, da política, dos direitos e da cidadania, entre outras.

Com base nos aportes teóricos da Terapia Ocupacional Social⁷ e da Educação como Prática para Liberdade⁸, eram utilizados estratégias de intervenção na perspectiva do incentivo à leitura e à escrita, mas eram privilegiados a possibilidade de criação de outras formas de estar no grupo e de se relacionar, no sentido do estabelecimento de relações democráticas e respeitadas, atentas à apreensão de necessidades e desejos coletivos e, igualmente, daqueles mais individuais que eram trazidos, na tentativa de impulsionar e ampliar outros projetos na vida daqueles adolescentes e jovens. Isso, algumas vezes, desdobrava-se no que aqui nomeamos como acompanhamentos individuais e territoriais.

O uso dessa nomenclatura pretende uma perspectiva que transcenda ao aspecto clínico referido no acompanhamento individual, alinhando-se à formulação proposta por Barros, et al⁷, na discussão das intervenções no campo social:

1. descentramento do saber do técnico para a ideia de saberes plurais diante de problemas e de questões sociais;
2. descentramento das ações da pessoa (considerada corpo/mente doente ou desviante) para o coletivo, para a cultura da qual a pessoa não pode ser separada;
3. descentramento da ação: do *setting* para os espaços de vida cotidiana;
4. descentramento do conceito de atividade como

processo unicamente individual para inseri-lo na história e na cultura (p. 100).

A noção de território – definida como a delimitação geográfica de uma dada região, ocupada por uma comunidade, incluindo em seu conceito, necessariamente, a constituição histórica local e as relações socioeconômicas e culturais ali desenvolvidas, onde se observam diferentes formas de vida, de realização de trocas sociais⁹ – é associada ao acompanhamento individual também por pautarmos a utilização dos recursos nele preexistentes – serviços e/ou pessoas – para responder às necessidades explicitadas na relação estabelecida entre o terapeuta ocupacional e o jovem.

Aproximando

Nesse contexto, encontramos W., o jovem protagonista deste relato, pleno de vida, com conflitos e inquietações, mostrando-se ora muito agressivo, ora muito afetivo, e demandando muita atenção de toda a equipe do METUIA/UFSCar, composta, na época, por alunos do segundo, terceiro e quarto anos do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar, por terapeutas ocupacionais e por pesquisadores. Ele passou a frequentar a Oficina do METUIA via convite de um outro aluno que já estava integrado às atividades, tornando-se bastante participativo e colaborativo em todas as ações ofertadas no interior da escola.

Logo nos primeiros contatos, foram trazidas demandas decorrentes de sua vivência e expressavam sua transexualidade, suas dúvidas sobre o envolvimento com outros garotos, suas relações conflituosas com a escola, professores e colegas, assim como com sua família. No decorrer do acompanhamento, essas questões foram avançando

para a possibilidade de acesso às necessidades e desejos menos evidentes e pôde tomar lugar o diálogo em torno das possibilidades e impossibilidades por exemplo com relação a um projeto de jogar vôlei profissionalmente.

A situação de vulnerabilidade social de W., de acordo com os conceitos utilizados por Castel^{10,11}, na discussão da inserção social a partir do trabalho e das redes de sociabilidade, circunscrevendo zonas diferentes do espaço social, decorre de uma frágil estrutura financeira de sua família, baseada na renda do padrasto de W. e no recebimento de auxílios previstos pelo Bolsa Família¹². Sua mãe não trabalhava e seus outros dois irmãos já não moravam mais na mesma casa. Apesar dessas dificuldades, era notável em W. sua vontade de ocupar outros espaços e de mudar sua condição de vida.

W. se relacionava relativamente bem com parte da família; percebia-se uma preocupação de todos com os caminhos que ele trilhava e, por vezes, algum incentivo era dado quando o assunto era o vôlei. A família, porém, tinha muitas dificuldades em estabelecer limites, mediar e confrontar os conflitos que diziam respeito a ele, o que tornava o adolescente bastante livre e, ao mesmo tempo, muito suscetível, sem que fossem enfrentadas situações que esbarravam na exploração sexual, no uso abusivo de drogas, justificadas pela mãe por meio da frase “ele sempre fez o que quis”.

As relações na comunidade eram muito difíceis, fortemente atravessadas pela cultura machista e autoritária que marca aquele território em particular, mas que de modo geral compõe as periferias urbanas brasileiras, nas quais há a presença do comércio ilegal de drogas e do crime organizado^{13,14}. W. era bastante reativo a essa cultura, e seu círculo de relações era mais feminino. Nossa equipe chegou a

presenciar e a mediar, por diversas vezes, enfrentamentos e brigas entre ele e os meninos na escola, todavia, por conta do seu porte físico avantajado, W. se fazia parcialmente respeitado.

A despeito das relações que estabelecia, dos lugares que frequentava e das atitudes que provocavam a atenção de todos, W. se sobressaía pelo vôlei, pois não havia dúvida entre seus pares, seu treinador e seus professores a respeito do seu talento nesse esporte. Colecionando elogios e apoiando-se no reconhecimento dessa sua habilidade, ele apostava na dedicação a essa modalidade esportiva com afinco, para uma possível mudança na sua condição de vida.

Aprofundando

Segundo Pichon-Rivière¹⁵, a construção das relações vinculares se dá como uma estrutura dinâmica em contínuo movimento que carrega também as relações interpessoais vividas pelo indivíduo. Essas relações permeiam um histórico que pode estar marcado por idas e vindas de pessoas, perdas e exclusões. Deve-se, portanto, levar em conta esse histórico para a criação do vínculo, pois é por meio dele que se torna possível a composição de estratégias para a constituição das ações do acompanhamento individual e territorial, um processo inserido em intersubjetividades, com códigos e significados próprios.

A importância da vinculação se deve ao fato que, destituídos do vínculo, não se consegue acessar as reais necessidades, os desejos e os valores das pessoas e, consequentemente, as relações ou não se instituem ou são relações de poderes, hierarquizadas, o que influencia no insucesso das intervenções¹⁶.

Assim, à medida que o adolescente nos foi permitindo conhecer sua trajetória de vida, iam se evi-

denciando marcas negativas, marcas de sofrimento em várias áreas do relacionamento interpessoal, acentuadas quando da expressão de sua transexualidade, levando a um distanciamento rígido em muitas de suas relações.

Nesse contexto de endurecimento e resistência, foi preciso algum tempo para que ele permitisse o acesso; foram feitas tentativas de aproximação em relação à sua realidade, a princípio sem sucesso. Entretanto, depois de um conflito experimentado por W. dentro do ambiente da Oficina e de um posicionamento livre de preconceito por parte da equipe, percebido pelo adolescente, foi possível começar a estreitar a relação, de maneira a viabilizar a formulação de ações que transcendessem o espaço coletivo da Oficina e pudessem lidar de forma mais individual com as suas necessidades.

Na perspectiva da terapia ocupacional social, as atividades do cotidiano podem potencializar a criação do vínculo e da relação de confiança, visto que há o investimento no “estar” junto das duas partes dessa relação¹⁶. Por esse motivo, além dos encontros na escola, foram sendo combinados outros encontros, para fortalecimento do processo de vinculação e, no decorrer desse investimento temporal, foram surgindo outras questões, elementos de suas vivências mais profundamente enraizadas. Nesse processo, com muito cuidado, W. foi sendo acessado de maneira mais integral, assim como suas necessidades menos aparentes. A questão referente à marcação dos encontros se torna singular no acompanhamento aqui descrito, uma vez que, apesar de ter sido inicialmente semanal, tais encontros não ocorriam necessariamente no mesmo dia, tampouco na mesma hora. Isso porque, os tempos dessa intervenção iam sendo estabelecidos de

acordo com o que era demandado, implicando intensidades de presença diferenciadas no decorrer do processo.

Acessando

A cada encontro, em sua residência ou nos arredores do bairro, eram levantadas questões das quais surgiam muitas histórias e assim, paulatinamente, foi se tecendo sua trajetória de vida e surgindo um W. menos reativo e agressivo, diferente daquele mais performático a que tínhamos acesso via escola.

Esse processo contou com a colaboração fundamental da sua família, que esteve presente no período de vinculação e proporcionou possibilidades de uma melhor apreensão e de esclarecimentos em torno das questões apenas evidentes, tal como a transexualidade vivida pelo adolescente e todas as decorrências concernentes a esse aspecto em sua vida. Assim, ocorreram encontros nos quais a mãe e o padrasto esclareceram dúvidas e minimizaram suas angústias, a partir de orientações fornecidas, criando-se um espaço para a revisão de suas posturas e para a realização de enfrentamentos necessários, sem tanto medo e sem tantos preconceitos.

Além das orientações realizadas junto ao núcleo familiar, W. já bastante próximo da nossa equipe, em especial da terapeuta ocupacional e da estagiária que o acompanhavam, confessava seus feitos, medos e dificuldades. A maioria relacionada às questões sexuais, ao preconceito que sofria e à forma como lidava com isso, que, recorrentemente, era violenta. Igualmente, seu discurso emanava sempre a paixão pelo vôlei, não só pelo esporte, mas pela expectativa de uma mudança de vida, que poderia ser proporcionada como fruto do seu talento. *Quando o assunto era esse,*

seus olhos brilhavam, o sonho era grande. As informações que tínhamos sobre a capacidade de W. eram extremamente positivas e resolvemos, juntos, que o investimento nesse assunto era uma prioridade naquele momento.

Em decorrência disso, passamos, então, a procurar formas para que W. viesse a ter oportunidades reais de transformar seu talento em um projeto na sua vida. Nesse processo, outras questões emergiam na relação, as quais eram também acolhidas, entre elas, reflexões sobre seus comportamentos e posturas diante dos conflitos, sobre sua situação financeira, sobre suas crenças e sua religião, sua escola, seus amigos, suas dúvidas e seus questionamentos acerca do exercício de sua sexualidade, sobre o uso abusivo de drogas, sobre nosso papel naquele momento de sua vida, sobre o que era uma amizade, uma ajuda ou propriamente uma ação técnica do âmbito da terapia ocupacional social. Essa questão em especial pôde ser problematizada e, com o avançar do trabalho e do vínculo, foram visíveis as mudanças em suas atitudes e no seu entendimento quanto àquilo que foi definido como responsabilidade técnica em relação a ele.

Articulando

Por meio da parceria estabelecida entre o METUIA/UFSCar e a Secretaria Municipal Especial da Infância e Juventude do Município de São Carlos (SMEIJ), fizemos, junto com W., contatos com clubes/times de vôlei nos quais W. poderia prestar uma seleção.

A família referia não possuir recursos para financiar sua ida às seleções, às “peneiras” dos clubes; dessa maneira, foram feitos os esforços, via a SMEIJ e o METUIA/UFSCar, para buscar os recursos que viabilizassem essa experiên-

cia ao adolescente. Ao final desse período de seleções, W. foi aprovado em um centro de treinamento de vôlei na cidade de São Paulo. Em seguida, realizamos reuniões com a SMEIJ, marcadas pelo próprio adolescente, com o intuito de conseguir um patrocínio que subsidiasse sua estadia e alimentação naquela cidade. Como resposta a essa articulação, a Secretaria sinalizou que havia encontrado patrocinadores via Conselho Municipal da Infância e Juventude para que W. permanecesse na cidade de São Paulo durante seis meses e com a perspectiva da renovação desse período. Demos início, então, a outras articulações com o centro de treinamento para o qual W. jogaria, a fim de encontrar um lugar seguro que não reproduzisse as condições de vulnerabilidade com as quais W. convivia. O clube foi bastante receptivo às nossas sugestões e solicitações e proporcionou um espaço de moradia adequado ao que era de necessidade básica. Nesse lugar, W. dividia o quarto com mais outros três adolescentes que estavam na mesma situação que ele, longe de casa, buscando a realização de um sonho. Ele foi aceito com rapidez no grupo, que já estava há mais tempo junto e pôde compartilhar experiências e trocas entre diferentes culturas, personalidades, modos de ser e de conviver, o que se traduziu em uma oportunidade positiva de amadurecimento para ele.

Ao final das atividades de acompanhamento individualizado de W., alguns encaminhamentos foram feitos para que o adolescente não perdesse o vínculo com a equipe do METUIA/UFSCar e continuasse com o respaldo financeiro e técnico da Secretaria Municipal Especial da Infância e Juventude de São Carlos, a fim de garantir a continuidade de sua permanência em São Paulo, dedicando-se totalmente ao esporte. Para tanto, foi marcada

uma reunião com o representante da Secretaria, a mãe do adolescente e com W., buscando realizar a aproximação da família com a instituição provedora dos recursos financeiros. Uma conversa com o técnico do clube também foi feita para garantir a ida do adolescente a uma escola próxima ao centro de treinamento e que o alojamento fosse uma responsabilidade do clube, frente ao compromisso e ao trabalho do adolescente.

Apontamentos finais

Nessa experiência desenvolvida com base nos pressupostos e por meio da terapia ocupacional social, destaca-se o sentido da articulação eficaz entre recursos sociais, a ação técnica, os familiares e a demanda real de um indivíduo em seu contexto e em sua comunidade. Nessa abordagem, o tempo, a disponibilidade do técnico, a agilidade e responsabilidade na articulação entre diferentes atores e serviços, a reflexão sobre os limites da relação técnica no cuidado e no acolhimento de questões sociais no âmbito individual e a “amizade”, o conhecimento de si e do outro e os limites a serem enfrentados foram explicitados e puderam ser resolvidos. Isso nos instiga a refletir sobre os tempos da ação terapêutico-ocupacional no campo social e a disponibilidade que é necessária para ocorrer uma transformação efetiva da realidade, por vezes muito dura, na qual se insere o seu público-alvo.

De todo modo, nos deparamos com a riqueza do encontro entre pessoas, entre sujeitos, individuais e coletivos, tão afetos ao campo que, certamente, dependem dos talentos e dos limites desses sujeitos. Assinalamos, portanto, a potencialidade do terapeuta ocupacional no que tange aos acompanhamentos individuais e territoriais, na direção

da criação de estratégias para facilitar a aproximação dos indivíduos em grupos populacionais para os quais se volta, a capacidade para a leitura conjunta das necessidades apresentadas, a direção de sua responsabilidade ética e técnica no articular redes sociais, comunitário-familiares e de serviços e órgãos públicos, e o reconhecimento das limitações decorrentes da própria ação, principalmente quando o outro nos demonstra, por diferentes

caminhos, o esgotamento da intervenção.

Enfim, nos limites do presente trabalho, identificamos que o acompanhamento individual e territorial pode ser concebido como uma técnica, entendida aqui como um conjunto de métodos e procedimentos práticos, tornando-se mais uma ferramenta na conformação da assistência à população-alvo da terapia ocupacional no campo social.

Agradecimentos

À equipe do Núcleo UFSCar do METUIA, pela parceria no Projeto Articulação com Jovens Território do Jardim Gonzaga, imprescindível para este trabalho.

Aos alunos dos cursos de graduação da UFSCar que compuseram, e continuam compondo, as equipes de trabalho do METUIA/UFSCar.

Em especial aos jovens que têm participado conosco neste percurso de buscas e descobertas, por sua confiança.

REFERÊNCIAS

1. Barros DD, Lopes RE, Galheigo SM, et al. Projeto METUIA – Terapia Ocupacional no Campo Social. *Mundo Saúde*. 2002;26(3):365-9.
2. Lopes RE, et al. Educação profissional, pesquisa e aprendizagem no território: notas sobre a experiência de formação de terapeutas ocupacionais. *Mundo Saúde*. 2010;34(2):140-7.
3. Lopes RE, et al. Terapia ocupacional social e a infância e a juventude pobres: experiências do Núcleo UFSCar do Projeto METUIA. *Cad Ter Ocup UFSCar*. 2006;14(1):5-14.
4. Sposito MP, Corrochano MC. A face oculta da transferência de renda para jovens no Brasil. *Tempo Social*. 2005;17(2):141-72.
5. Lopes RE, et al. Juventude pobre, violência e cidadania. *Saúde Soc*. 2008;17(3):63-76.
6. Lopes RE, et al. Oficinas de atividades com jovens da escola pública: tecnologias sociais entre educação e terapia ocupacional. *Interface*. 2011;15(36):277-88.
7. Barros DD, Ghirardi MIG, Lopes RE. Terapia Ocupacional Social. *Rev Ter Ocup USP*. 2002;13(3):95-103.
8. Freire P. Educação como prática para liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1983.
9. Oliver FC, Barros DD. Reflexionando sobre desinstitucionalización y terapia ocupacional. *Materia Prima*. *Primera Revista Independiente de Terapia Ocupacional en Argentina*. 1999;4(13):17-20.
10. Castel R. Da indigência à exclusão, a desfliação: precariedade do trabalho e vulnerabilidade relacional. In: Lancetti A, organizador. *Saúde Loucura*. 4a ed. São Paulo: Hucitec; 1994. p. 21-48.
11. Castel R. As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. 7a ed. Petrópolis: Vozes; 2008.
12. Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à fome: Bolsa família, 2004. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>
13. Zaluar A. Masculinidades, crises e violências. In: Zaluar A. *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: Editora FGV; 2004.
14. Feltran GS. Fronteiras de tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo [tese]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2008.
15. Pichon-Rivière E. A teoria do vínculo. 5a ed. São Paulo: Martins Fontes; 1995.
16. Lopes RE, Malfitano AP, Borba PLO. O processo de criação de vínculo entre adolescentes em situação de rua e operadores sociais: compartilhar confiança e saberes. *Quaestio*. 2006;8(1):121-31.

Recebido em 01 de março de 2011
Aprovado em 30 de março de 2011